

A MÚSICA NA CIDADE DE MANAUS NO SÉCULO XX: PREMISSAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

Alexandre Ludvig¹

Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas
xandisax@hotmail.com.br

RESUMO

Compreender a cultura local e todas suas nuances é fundamental para que um povo valorize e desenvolva sua cultura local, mesmo porque um povo sem cultura é um povo sem história, e a história de um povo não pode ser contada sem a influência direta da cultura. Dentro do contexto cultural-histórico de Manaus existem vários momentos que definem bem algumas fases, momentos, mudanças e transformações, e entender todas essas nuances sociais sofridas no decorrer de décadas é de extrema valia para que a cultura local seja mais valorizada hoje. As festas populares realizadas em Manaus são riquíssimas, trazem em si uma gama de possibilidades históricas, mas que na sua grande maioria fazem parte apenas de uma exteriorização cênico-artística, sem se conhecer sua origem, sua história, e seus significados.

Palavras-chave: cultura; música; História; Manaus.

ABSTRACT

To understand the local culture and all its nuances is basic so that a people values and develops its local culture, exactly because a people without culture is a people without history, and the history of a people cannot be counted without the direct influence of the culture. Inside of the context cultural-description of Manaus some moments exist that define well some phases, moments, changes and transformations, and to understand all these social nuances suffered during decades are of extreme value so that the local culture more is valued today. The popular parties in Manaus are very rich, bring in itself a set of historical possibilities, but that in its great majority they are part only of an scenic-artistic “outside”, without if knowing its origin, its history, and its meaning.

Key-words: culture; music; History and Manaus.

¹Professor vinculado ao CEFET-AM. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

INTRODUÇÃO

A vida cultural amazonense sempre foi, para as demais regiões de nosso país, motivo de curiosidades e pesquisas, não por feições estéticas, mas sim pela riqueza de detalhes, características marcantes e mudanças significativas no decorrer da História.

Daí a busca por encontrar-se, da forma mais específica possível, as matizes e premissas de uma vida cultural tão diversificada e rica na cidade de Manaus, resgatando raízes anteriores, no século XIX, mas detendo-se especificamente na rotina cultural-musical a partir do século XX.

A capital amazonense se sobressai nesse contexto, onde a partir de acontecimentos e conjunções históricas a vida cultural expandiu-se, e mais do que isso, passou a sofrer influência direta da cultura européia.

Inevitavelmente ao pesquisar-se a cultura amazonense e suas diversidades na cidade de Manaus, haveremos de buscar fontes na música produzida, cantada e tocada na cidade, nos casarões dos Coronéis da Borracha e seus *Saraus* com músicos trazidos da Itália e da França, nos Bares e Botequins da cidade onde a vida cultural na forma de Poesia, Literatura, e política crescia de forma intensa, no Teatro Amazonas onde as principais Companhias de Ópera se apresentavam custeadas pelos *Barões da Borracha*, nas festas populares e procissões que já se espalhavam na vida religiosa da cidade, e nas escolas de música que já se faziam presentes no cotidiano de Manaus.

Dentro desse contexto musical e cultural de Manaus, influenciado pelo desenvolvimento que a borracha trouxe, e pelas manifestações cultural-musicais trazidas da Europa, temos ainda a globalização, uma tendência e uma vertente mundial, de onde não nos excluimos.

Frente a todo esse contexto cultural-musical indagamos: Onde, em nossa música produzida e vivida na Manaus de hoje, encontramos raízes culturais e regionais nativas? Até que ponto nossa cultura musical local foi influenciada pela miscigenação e pela música européia?

Temos então, como foco deste artigo, delinear um perfil cultural-musical da cidade de Manaus no século XX, procurando identificar traços da cultura local que tenham se perdido frente a acontecimentos econômicos, sociais e políticos, procurando definir, da forma mais pontual possível, aspectos de culturas externas que influenciaram a cultura e a música amazonense no século XX.

1. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Manaus, uma cidade cuja população é formada por diferentes origens, nacionalidades, múltiplas procedências, também acolheu hábitos diferentes e, em meio a tantos outros, os torna comuns. Os resultados foram as disseminações de ideologias, avanços sociais foram experimentados, e dentre muito mais, surgiu um apetite muito grande por cultura, especialmente por música, que envolvia desde as possibilidades de manifestações populares a espetáculos cênicos. Mas para entendermos a realidade músico-cultural do século XX em Manaus, faz-se necessário uma imersão em seu contexto social da época, uma busca pelo imaginário popular daqueles que compunham a sociedade local.

Aqui, bem nos cabe a fala de Morin (2002), salientando que “não há sociedade sem cultura”, e que a história de um povo e suas tradições culturais, são seu bem mais precioso.

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delineiam uma organização social e um sistema de conhecimentos, práticas e usos de recursos naturais, extraídos pelos índios da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes que estruturam a sua vida econômica. Segundo Benchimol (1996), “essas práticas e usos foram responsáveis pelo surgimento de uma base de subsistência”, e esta base serviu de apoio para a formação da sociedade amazônica no seu processo histórico-cultural.

A busca por fatos históricos e vivências sociais de época nos leva a um passado antigo da cidade. Uma análise dos contextos sociais não nos

basta ao buscarmos a historicidade da cidade de Manaus, mas uma visão crítica sim. Manacorda (1996) nos salienta que uma análise crítica dos contextos sociais revela mais que cotidianos ou hábitos, mas uma “vivência arraigada em História e Tradições”. Ao buscar-se na vida cultural de Manaus caminhos e descaminhos em sua trajetória, a análise crítica então necessariamente precisa permear a visão, para que se aproxime ao máximo dos fatos e rumos seguidos pela sociedade.

Manaus também foi sede de Capitania, capital de Província, chamada de *Lugar da Barra*. Passou a *Vila de Manaus* em 1833. Em 1848 passou de vila a *Cidade da Barra do Rio Negro*, e em 1852 mudou de *Cidade da Barra* para *Cidade de Manaus*, em seguida *Manaós*, e então *Manaus*.

Neste período de colonização temos que falar também da cultura indígena como uma verdadeira fonte nativa de informações. Segundo Benchimol (1999), os índios no Amazonas desenvolveram as suas matrizes e os seus valores a partir de um íntimo contato com o ambiente físico e biológico. O seu ciclo de vida se adaptava às peculiaridades regionais, delas retirando os recursos materiais de subsistência e as fontes de inspiração do seu imaginário de mitos, lendas e crenças. Benchimol (1999), ainda nos salienta que “especiarias, drogas do sertão, ervas medicinais, madeiras, óleos, essências, frutos, animais, pássaros, bichos de casco e peixes”, constituíram um mundo novo e exótico que alimentava a cobiça do colonizador e excitava o paladar dos novos senhores. Neste sentido, de contato com uma cultura nova e diferente, centenas de nações e etnias pouca resistência puderam oferecer ao invasor europeu.

Dentro da miscigenação, característica da colonização amazonense, também houve a destruição de muitos valores da cultura indígena e sua destribalização pelas missões e pelo processo de conversão do gentio. Ainda segundo Benchimol (1999), no processo de miscigenação e cruzamento de raças, decorrida a fase de superação dos preconceitos, conseguia absorver e integrar as diferenças e nuances étnicas e antropológicas. “Portugueses, espanhóis, italianos, negros, judeus, sírio-libaneses, nordes-

tinios e sulistas”, geraram, nesse processo de miscigenação, enorme massa da população mestiça, que passava pelo mulato, mameluco, mestiço, crioulo, cafuzo, curiboca, cabra, caboclo, uma imensa variedade de cruzamentos de várias etnias, que aqui se fixaram.

Muitas foram as nacionalidades que aportaram em Manaus na virada do século XIX – XX. O “ouro” regional era a borracha, e implantara-se então um ciclo econômico extrativista muito forte. Mas os ingleses foram a principal força do *ciclo da borracha*.

Segundo Souza (1977), os ingleses dominavam a comercialização da borracha. Uma agência do *London Bank for South América* foi instalada em Manaus antes mesmo de outra casa bancária brasileira. A libra esterlina circulava como o mil Réis, e os transatlânticos ingleses faziam linhas regulares entre a capital amazonense e Liverpool. A força e a influência inglesa eram muito fortes.

Os coronéis da borracha dependiam politicamente de Londres, mas, culturalmente, seus olhos estavam na França e na Itália. Mantinham uma relação longínqua com o Rio de Janeiro. Encenações operísticas, bordéis luxuosos com fachada européia, diamantes e pérolas, tudo isso trazia uma negação ao regionalismo local e à cultura popular, então ávida por alicerçar-se com raízes regionais, raízes estas que já começaram a se perder na mistura de raças e influências externas.

Na fala ainda de Souza (1977), a cidade de Manaus sempre viveu de ilusões, de períodos de grandeza e de marasmo econômico, mas sempre foi vítima de surpresas, de fatos e medidas vindas de fora para dentro. Sua tradição é de cidade fronteira, sem sedimentação cultural própria, e parece que a cultura extrativista permanece viva mesmo no século XX.

A infra-estrutura urbana de Manaus ainda hoje é a mesma de 1910, que se preocupa com as comodidades de uma elite minoritária. A cidade dos barões da borracha não foi construída para atender o proletariado industrial da Zona Franca, nem mesmo o maciço êxodo do interior. Ela sempre quis parecer uma miniatura

tropical de Paris. Como estabelecer então um regionalismo cultural com uma realidade tão apegada a uma cultura importada?

Na fala de Costa (1987), na virada do século XIX - XX, Manaus estava no apogeu econômico, o Amazonas sustentava o governo da República com as rendas, e a borracha tinha valor comercial de ouro. As literaturas e registros de época ressaltam que a estrutura urbanística de Manaus foi construída em 4 anos, no governo de Eduardo Ribeiro, sem tratores ou máquinas modernas, tudo era carroças e burros.

Salientamos aqui um pouco das características da sociedade da época. O custo de uma cerveja nessa época era de \$1500 reis e a champanhe custava meia libra de ouro. Tudo vinha da Europa, estátuas, pontes, telhas, paralelepípedos, mármore, vinho. Havia de tudo e com fartura. Bares havia bastante, a Bolsa, o Pavilhão, os Terríveis, Bar Avenida, a Boêmia, a Fênix, Itatiaya (que depois virou a Confeitaria Colombo), Porta Larga, e a Casa do Chopp na já Avenida Eduardo Ribeiro.

2. AS ARTES NO INÍCIO DO SÉC. XX

No contexto social que vivia Manaus, de miscigenação de costumes e culturas, é criado em julho de 1898 a *Academia Amazonense Propagadora das Belas Artes*. Segundo Páscoa (1997), inicialmente a Academia era um estabelecimento particular, passou, por um curto período de tempo a pública, e logo em seguida a novamente particular. Mas o principal neste contexto é a perda já gerada por anos de cultura européia frente à cultura nativa amazonense. Até mesmo a fundação da Academia das Belas Artes fora fundada sob a influência da primeira estação operística em Manaus, entre 1890-91.

A tentativa de se encontrar os pontos onde a cultura popular nativa amazonense se perdeu, e partiu assim para um trabalho de formação em cima de uma cultura lírica-européia, nos leva aos resultados da formação da Academia, alunos com formação erudita, fora do contexto nativo-regional. Fica-nos uma

compreensão, em cima da criação da Academia de belas Artes Amazonense, de que ela nascera já sob influência cultural externa, formando músicos para performances que condiziam com um contexto músico-cultural europeu.

Dentro deste contexto de música européia na cidade de Manaus, e de formação musical já seguindo essa tendência músico-cultural, Páscoa (2000), ressaltava que o público amazonense já acostumara-se a presenciar concertos musicais de óperas e operetas num número superior a 80 apresentações em pouco mais de 10 anos. E, analisando-se este contexto é difícil imaginar que não existisse uma “vida musical paralela” já delineando-se em contra partida à cultura européia, que tomara então conta já da cultura social amazonense.

Mas a época de êxito econômico e social começa a ter um declínio em torno de 1910, e consequentemente a vida músico-cultural também sofre com isso. Na fala de Benchimol (1999), percebe-se nitidamente esse contexto, quando ele salienta que depois do tempo dos ingleses cairia sobre a Amazônia uma longa noite de crise e depressão que iria durar muitas décadas, até que a região encontrasse uma nova base econômica e cadeia produtiva para poder atrair capitais, investimentos e empresas em outros tempos (zona franca de Manaus). E essa realidade econômica e social-cultural de transformação afeta-nos até os dias de hoje.

Esse contexto social-cultural contribuiu muito para o surgimento de *Bares* na cidade de Manaus, mas com o diferencial, da *música ao vivo*, chamados de *cafés-concerto*. Analisarmos a música que era desenvolvida nesses ambientes, e as discussões político-sociais que permeavam o meio, traz-nos muito do que hoje se vive na vida cultural da cidade. Na avenida Eduardo Ribeiro alguns ateliês de instrumentos musicais, lojas de partituras, clubes musicais (os citados bares de música ao vivo), e também teatros, começaram, a dar uma vida musical e cultural mais intensa à cidade a partir de 1910, começando a fugir da tendência elitista que a música européia trazia com seus “concertos importados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

A Arte passou a ser âncora de debates e palanque político. Porém, uma análise antropológica de festas como Boi Manaus, O Boi de Parintins, Samba Manaus, e outras, nos mostram que estas ainda estão recheadas de cultura não-local, que a música praticada, as encenações dramatizadas, os cantos entoados, as danças executadas, ainda estão desconectados de uma cultura nativa, de uma realidade social fundada na miscigenação ainda nos tempos da colonização.

Entendermos estas nuances e buscarmos um contexto cultural nativo, pode ser uma forma íntegra e fiel à História da cidade de Manaus, e uma forma de resgate da cultura regional. Aqui salientamos a fala de Campos (2000), onde ele ressalta que a “cultura é a vivência diária de um povo, na busca por uma melhor expressão de sua criatividade, suas crenças, e seus hábitos sociais reais e imaginários”, e a busca por um contexto cultural-musical nativo na cidade de Manaus deve ser uma constante como busca de uma identidade cultural regional.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um Pouco antes e Além Depois*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1977.

BENCHIMOL, Samuel. *Manual de Introdução à Amazônia*. Manaus, Edição Reprográfica, 1996.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia - Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer, 1999.

CAMPOS, Moema Craveiro. *A Educação Musical e o Novo Paradigma*. Rio de Janeiro, Editora Enelivros, 2000.

COSTA, Selda Vale da. *No Rastro de Silvino Santos*. Manaus: SCA, 1987.